



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Vanzelândio Dantas de Alencar

SAINDO DA ESCURIDÃO DA CAVERNA PARA A LUZ DA EDUCAÇÃO

CAMPINA GRANDE

2016



Vanzelândio Dantas de Alencar

SAINDO DA ESCURIDÃO DA CAVERNA PARA A LUZ DA EDUCAÇÃO.

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, trabalho de monografia realizado pelo Aluno Vanzelândio Dantas de Alencar.
Orientador: Professor Doutor José Arlindo de Aguiar Filho.

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A368s Alencar, Vanzelândio Dantas de
Saindo da escuridão da caverna para a luz da educação
[manuscrito] / Vanzelândio Dantas de Alencar. - 2016.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Mito da caverna. 2. Educação. 3. Platão. I. Título.


21. ed. CDD 184

VANZELÂNDIO DANTAS DE ALENCAR


Saindo da escuridão da caverna para a luz da educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 10/05/2016.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Examinadora



Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS.

Dedico esta monografia primeiramente a Deus que sempre está comigo, a minha família, aos professores que em muito contribuíram em minha graduação e aos meus avôs falecidos que um dia vibraram de alegria por minha conquista no ingresso no ensino superior.

RESUMO

Esta monografia tem o intuito de apresentar um estudo voltado para a educação atual em comparação com o mito da caverna de Platão, que cita algumas pessoas amarradas no fundo de uma caverna, onde a realidade que veem é baseada apenas na projeção de sombras. Quando um dos homens sai da caverna, ele se depara com um novo mundo, uma nova realidade. Na tentativa de alertar seus companheiros que ficaram na caverna, ele corre o risco de ser morto pelos que ainda habitam nela, que não aceitam sua nova visão de realidade. Este trabalho irá abordar a concepção da educação atual no ensino médio, não como único modelo, mas através do mito mostrar a realidade e o modo pelo qual o processo de educação é realizado nas salas de aula atualmente. O sair da caverna para Platão é o olhar para a realidade, capaz de formar um cidadão que contribua positivamente para o crescimento da sociedade.

Palavras-chaves: Mito; Caverna; Educação; Platão.

ABSTRACT

This paper aims to present a study on the current education in comparison with the myth of Plato's cave, which cites some people tied at the bottom of a cave, where they can only see shadows of statues to understand the reality. When one of the men runs out of the cave, he faces a new world, a new reality. In an attempt to alert his colleagues who were in the cave, he runs the risk of being killed by the ones who still inhabit in the cave, and do not accept his new vision of reality. This paper will approach the conception of the current education in High School, not as a single model, but through the myth, present the reality and the way the process of education takes place in classrooms nowadays. Leaving the Plato's cave means seeing the reality, capable to educate a citizen who will contribute positively to the growth of the society.

Keywords: Myth; Cave; Education; Plato.

SUMÁRIO:

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 COMPARANDO O MITO DA CAVERNA COM A LINHA DO CONHECIMENTO.....	09
3 A EDUCAÇÃO.....	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Nesta monografia, pretendemos discutir o mito da caverna de Platão que é narrado no livro VII da República. Enfatizando como introdução ao mito da caverna o livro VI que através da exposição da Metáfora do Sol e da linha do conhecimento fazem uma analogia do trajeto percorrido pelo filósofo para alcançar a ciência do bem e ser capaz de governar a cidade.

Platão apresenta o mito da caverna para demonstrar a situação em que o filósofo se encontra quando não está diante da luz do saber, que o difere dos demais cidadãos da cidade. É preciso quebrar as correntes que o prendem a ignorância (aqui vista como escuridão) para alcançar o muro (etapas que o filósofo deve percorrer) para encontrar a luz do saber.

A alegoria da caverna representará a educação que Platão indicará em sua obra para a formação do filósofo, antes da alegoria Platão cita na República a linha do conhecimento e a metáfora do Sol no livro VI.

A linha do conhecimento separa o conhecimento visível e o conhecimento inteligível, que no decorrer do trabalho serão expostos no mito da caverna como o espaço interior da caverna (sensível), com o espaço externo, ou o fora da caverna (inteligível).

Só depois de abordar tais assuntos é que entenderemos o que Platão quis mostrar com a criação do mito da caverna e como é o trajeto do filósofo para encontrar a ciência do bem e o saber.

O mito cita algumas pessoas que estão amarradas no fundo de uma caverna, onde só é possível ver sombras que as pessoas que ali estão entendem por realidade, quando um dos prisioneiros consegue se libertar, ele sai do seu estado de aprisionamento, escala as paredes da caverna indo em direção para fora da caverna, onde ele conhece um novo mundo cheio de imagens.

Após retornar à caverna Platão diz que é preciso fazer esse procedimento, instruído pelo saber que lhe foi apresentado no novo mundo, o homem que agora encontra-se movido por uma nova realidade e corre o risco de ser taxado como louco pelos demais que ficaram em seu estado prisional ou de até mesmo ser preso e açoitado e morto por aqueles que não conseguiram

se desprender da ignorância que os mantém nesse lugar. Façamos aqui uma referencia aos estudos platônicos o maior exemplo que temos em Sócrates que, quis assim abrir os olhos dos que se encontravam em meio a seu estado de ignorância, sendo que o resultado de tal tentativa foi sua condenação à morte.

Todo homem que quiser alcançar a ciência do bem ou o saber, deve sair da escuridão da caverna, e ir em direção à luz que vem de fora e que lhe mostrará um novo mundo, não mais contido apenas por meras sombras tidas até então como a única realidade, mas um mundo das ideias, do saber.

Segundo Platão é preciso que nós nos desprendamos das correntes que nos prendem a nossa caverna, para que assim conheçamos um novo mundo, um mundo das ideias e do saber.

O mito serve para demonstrar que o filósofo deve ter o olhar além das coisas, e que nunca deve estar satisfeito com o conhecimento pré-formado e ditado pelos demais, e nem estar conformado com as questões do dia-a-dia, pois isso só nos mantém presos a ignorância e a falta de saber.

O trabalho será constituído pela apresentação do mito como introdução ao trabalho, seguindo pela comparação do mito da caverna com a linha do conhecimento onde será exposta a função da linha em relação ao mito, para que assim no capítulo seguinte possa-se ter uma dimensão do que foi a educação dentro e fora da caverna, a metodologia e todo o procedimento que deve-se ter ao ingressar nos estudos para a formação do filósofo, e por ultimo apresentar uma proposta de como a alegoria da caverna se apresenta nos tempos atuais.

2 COMPARANDO O MITO DA CAVERNA COM A LINHA DO CONHECIMENTO.

Ao falar sobre o que a alegoria da caverna de Platão tem como importância para os estudos da formação do filósofo, aquele ao qual Platão sugere para que seja o governante ideal da cidade, percebe-se que o mito da caverna expõe como são vistas por Platão todas as etapas para a formação e educação do filósofo. Mas para compreendermos o mito e sua serventia para a formação do homem é importante sabermos que bem antes da alegoria ser criada no Livro VII da Republica, Platão escreve um diálogo entre Sócrates e Glaucon a respeito das características de quem abitaria futuramente como personagem da caverna.

[...] Uma vez que os filósofos são aqueles que são capazes de atingir aquilo que se mantém se perder no que é múltiplo e variável, não são filósofos, qual das duas espécies deve ser chefe da cidade? - Que hei-de eu dizer para dar uma resposta adequada?- Que aquele dentre os dois que parecer capaz de guardar as leis e costumes da cidade, esse mesmo seja nomeado guardião. - Exatamente - corroborou ele. - Acaso não é evidente _ prossegui eu_ se deve ser um cego ou uma pessoa de visão clara que fica de atalaia a tomar conta do que quer que seja?- Como não havia de ser evidente? (484b, A Republica de Platão).

Platão aqui expõe as características daquele filósofo que pode ser capaz de atingir a Filosofia e governar a cidade, aqueles filósofos que por sua natureza não se corrompem e amam o saber.

O saber que futuramente ele encontra fora da caverna, mas só apenas quando o filósofo consegue se desprender das correntes que o prendem a essa prisão da falta de saber. É aquele que possui a coragem, temperança, e todas as outras virtudes que o filósofo deve possuir.

O maior exemplo que podemos ter como resultado ao homem que retorna a caverna foi o Sócrates, que movido pelo saber, e com o intuito de libertar da falta de intelecto que formava os jovens foi acusado de corromper os corações dos jovens.

[...] Afirmo que a vocês, varões (aos que me mataram), um castigo há de chegar logo depois de minha morte-muito pior, por zeus que aquele com que vocês me mataram. Porque vocês fizeram isso pensando que haveriam de se livrar de ter de submeter suas vidas a refutação, mas vai se passar com

vocês inteiramente o contrário, conforme eu mesmo afirmo: Serão mais numerosos os seus refutadores, aos quais eu continha, sem que vocês percebessem. E serão tanto mais duros quanto mais jovens forem, e vocês ficarão mais abalados ainda. [...] (P 105-106, Apologia de Sócrates).

Ao retornar à caverna e sofrer represálias sobre essa nova visão de mundo, essa nova realidade, tudo o que ele está sujeito a passar assim como é narrado no mito, assim também é a vida do filósofo. Ao pensar diferente dos demais está sujeito a ser taxado como louco na tentativa de abrir os olhos daqueles que não saíram da caverna, mas apesar de todas as dificuldades para se alcançar a ciência do mundo o filósofo deve sair desse mundo, dessa caverna que só significa ignorância e falta de saber e ir em direção à luz do saber.

Para Platão a ideia do bem é tão importante que só quando o filósofo atingir esse bem, o bem que está no inteligível, fora da caverna, é que será capaz de governar a cidade. “[...] Que a ideia do bem é mais elevada das ciências, e que para ela é que a justiça e as outras virtudes se tornam uteis e valiosas...” (505a, A República de Platão). No Livro VI, em uma conversa entre Sócrates e Glaucon, onde discutiam a respeito do bem, sendo que Glaucon pede a Sócrates que ele exponha o que lhe parece ser o bem, e Sócrates diz que lhe parece ser o filho do bem o sol, surge então a Metáfora do Sol.

“[...] O que eu quero é expor-vos o que lhe parece ser o filho do bem e muito semelhante a ele, se tal vos apraz; caso contrário, deixaremos isso.” (506e, A República de Platão). O sol, o filho do bem, que é semelhante ao bem porque deve possuir tais semelhantes características do bem, porque se não fosse assim não seria capaz de “curar” a cegueira (ignorância) que nos prendem em nossa caverna.

O sol que aparece no mito como um feixe de luz que direciona o homem para fora da caverna, é o que faz com que o filósofo conheça ou tenha essa visão de um novo mundo. A visão é para Platão o sentindo que liga o saber ao mundo visível e que vem do sol, enxerga pouco as coisas sem o entendimento concreto dos objetos significa ter uma visão voltada para as sombras.

[...] Podes, portanto dizer que é o Sol, que considero filho do bem, que o bem gerou a sua semelhança, o qual bem é, no mundo inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o

mesmo que o Sol no mundo visível em relação à vista e ao visível. [...] - Mas, quando se voltam para os que são iluminados pelo Sol, acho que vêem nitidamente e tornam-se evidente que esses mesmos olhos tem uma visão clara. (508b-d, A República de Platão).

Assim é a alma do filósofo, deve sempre estar ligada à luz do saber que expõe a verdade.

Eis que surge a linha do conhecimento que separa o mundo visível e o mundo inteligível, a obscuridade que habita na caverna, as sombras até então conhecidas por realidade e todas as outras imagens pertencentes ao interior da caverna, fazem parte do mundo sensível que até então era conhecido por realidade.

A luz que vem do feixe de luz da que adentra na caverna, faz parte do mundo exterior da caverna, da realidade que até então não foi conhecida, ou que não se sabia que existia, essa luz faz parte do mundo diurno o exterior da caverna da realidade que é iluminada pelo sol, que constituem o mundo inteligível.

Supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais: corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção, o da espécie visível e o da inteligível; e obterá no mundo visível, segundo a sua claridade ou obscuridade relativa, uma secção, a das imagens [...] (519d-e, A República de Platão).

. Todo “esse trajeto”, que até aqui foi realizado para o homem só será percorrido pelo próprio homem graças ao preparo que lhe foi dado segundo a educação apropriada para se atingir a ciência do bem como a Geometria, a Música e a Ginástica.

Todo esse trajeto para se alcançar o conhecimento ou a ciência do bem é mostrado através dessas duas metáforas (linha do conhecimento e Metáfora do sol) como um conhecimento das essências de forma direta e imediata, é preciso que sejam percorridos várias etapas e cada etapa com seu significado e aprendizado diferente para a formação do filósofo.

O ponto de partida dessa escalada para o bem é o fundo da caverna, onde se encontram os prisioneiros em meio às correntes da ignorância, uma escuridão entendida como realidade, o libertar da caverna parte do quebrar das correntes que vai até o ponto final que é o encontrar dos olhos com o novo mundo, sendo que aqui nesse lugar é encontrando a máxima clareza e segurança da realidade como verdade no mundo inteligível.

Os dois mundos que são divididos pela linha do conhecimento são o mundo Sensível e o mundo Inteligível. No mundo Sensível é onde podemos chamar de ponto de partida ou o marco zero para a caminhada da formação do filósofo, no mundo sensível encontramos as sombras, aquelas que são tidas como realidades, onde encontramos os objetos sensíveis, onde é tida a opinião como formadora da verdade, a crença, após haver a quebra das correntes e o filósofo sair da caverna ele é apresentado ao mundo Inteligível, o mundo das ideias, onde o estudo se dá pelos objetos matemáticos, onde temos a presença da dialética como ciência para se chegar ao bem.

Platão expõe o espaço em que o filósofo (representado pelo homem que está preso na caverna) se encontra antes de ingressar nos seus estudos para se tornar um filósofo governante ou um filósofo rei, as correntes que o prendem, toda a sua imobilidade sem poder olhar para os lados e somente para frente é a representação da vida cotidiana de um filósofo que em muitos casos se depara com informações limitadas, um “conhecimento fraco” que lhe é apresentado. Quando o prisioneiro não se dá mais por satisfeito com a situação em que vive, movido pela vontade de se libertar, ele começa a escalar o muros daquele lugar, guiado pela luz que entra na caverna, para assim conhecer o mundo que está fora da caverna. Todo o interesse de se libertar, de conhecer um novo espaço faz com que ele saia do seu estado de aprisionamento.

Estaria aqui Platão fazendo uma crítica aos estudos que eram submetidos os jovens da época? Ou mais uma crítica a aqueles que diziam segundo Platão detentores do saber os amadores de espetáculos, os Sofistas? Aqueles que nunca saíram de suas cavernas? Até então essas pessoas só conheciam por realidade as sombras e os objetos, façamos uma ressalva ao estudo da metáfora do sol, que Platão citou que a visão que não estiver ligada à luz que vem do filho do bem o sol, não conseguirá enxergar a realidade, mas apenas meras sombras, “De qualquer modo, afirmei, pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objetos.” (515c, A república de Platão).

Quando um dos homens consegue se soltar dessa prisão, mesmo que sentindo bastante dor por causa do estado em que se encontrava até o presente momento, a dor, o muro e todos esses obstáculos que aparecem após a sua libertação, faz parte das dificuldades que o filósofo encontra, pensar diferente dos demais, agir e ir em direção a luz é contra caminho aos que preferem ficar acorrentados na caverna, podemos dar como exemplo os acusadores de Sócrates, que não conseguiam admitir seus novos pensamentos, mas todo esse pesar deve ser passado para alcançar a verdadeira realidade, o saber.

Ao encontrar a saída da caverna, guiado por aquele feixe de luz que entrava na caverna, seus olhos sentirão dor diante dessa luz, do que lhe agora é revelado por realidade, mas é preciso conhecer primeiro esse mundo com cautela para que assim possa-se olhar diretamente para o sol e contemplar o bem.

3 A EDUCAÇÃO.

O perfil do filósofo é traçado por Platão através de suas obras que demonstram como deve ser aplicado à educação para a formação daquele que futuramente deve guardar a cidade na República. Na obra: Curso de Filosofia organizada por Antônio Rezende, José Américo Motta Pessanha cita o que podemos ver como as características do homem que pode se tornar o filósofo após ter completado todo o seu estudo e alcançado a ciência do bem.

No Fedro, é um homem-cigarra que, sem se preocupar com a sobrevivência, canta à luz um belo canto- sua filosofia- em homenagem às musas, até morrer. No Teeteto, é aquele que se distrai em relação às coisas próximas (como Tales que cai num poço), porque justamente está atentíssimo às questões que investiga. No Fédon, é Sócrates que, à beira da morte e sem teme-la, desenrola seu discurso como um canto de cisne e questiona até o fim o significado de viver e morrer. Na República, é aquele que se liberta da caverna das ilusões e eleva os olhos progressivamente até o sol que ilumina a realidade; e já que realizou a escalada do conhecimento até o final, é quem tem obrigação de assumir as tarefas políticas e o encargo de governar. (PESSANHA. 2005. P53-54.).

A educação proposta na caverna tem como ponto de partida, o estudo através da experiência, a experiência vivida do prisioneiro, que o põe em contato com o mundo externo, uma vez que para Platão os nossos sentidos

apenas nos oferecem sombras, seja como for apresentado a experiência vivida no mundo externo é algo bem maior do que a soma dos nossos cinco sentidos podem nos apresentar.

Platão enxerga a presença de dois mundos: o ilusório, mundo habitual, costumeiro e rotineiro ao qual era pautado a educação naquela época, sendo esse mundo um “veneno” para o intelecto na formação do filósofo, sendo que esse mundo poderá até impedir que aconteça a formação do próprio filósofo se assim o mesmo não conseguir se desprender das correntes que o prendem a esse mundo. O outro mundo é o mundo real, das ideias, do verdadeiro, onde as formas são expostas de forma clara. “A caverna é a vida de aparências, na qual muitas pessoas vivem, a Filosofia é o instrumento que possibilitará o verdadeiro conhecimento” (AGUIAR, PEREIRA e MOREIRA. S/D).

Cabe ao filósofo através da sua educação, mediar os dois mundos, o da ignorância e o mundo do saber para aqueles que vivem sem o conhecimento verdadeiro, e isso só é possível graças às condições em que o filósofo tem, encontrando-se assim o único capaz de abrir os olhos que se encontram na escuridão, aquele capaz de contemplar o bem, de guardar as leis e todos os costumes da cidade.

A educação do filósofo deve ser pautada para que sua natureza seja voltada para a paixão do saber, e não pela ação do ato de se deixar ser corrompido por ações de injustiça. Sua formação deve ser contra a mentira e a falsidade, pois o mesmo que tem como intuito aprender a fazer essas tais coisas, e deve despertar o mesmo interesse de transmitir, ensinar tais virtudes aos demais cidadãos, sendo aqui o “voltar à caverna”, o retornar ao espaço de origem mais não ao seu estado de ignorância, é preciso saber que o filósofo deve retorna à caverna com outro modo de pensar e ver as coisas ao seu redor, agora ele não pode ser mais um prisioneiro da caverna, mas um que é capaz de libertar a todos que ali estão.

O filósofo que retorna à caverna, aquele que passou por toda formação, é o Filósofo movido pela Sapiência e a sabedoria, virtudes essas que o caracteriza como único capaz de governar bem a cidade, sendo que esse filósofo deve estar constituído também pela virtude da temperança, e a justiça para aplicar de forma correta as ações de intelecto para os demais cidadãos

que ainda habitam a caverna, a justiça e a sabedoria fazem com que o filósofo torne-se um governante virtuoso capaz assim de instalar o bem em comum para todos.

Na alegoria da caverna, ainda, a ascese e o domínio que compreende o processo educacional é dramático. Ela revela o confronto entre os diferentes desejos da luta para a realização da verdadeira educação, assim como implica a superação das demandas próprias dos sentidos, do corpo, as quais constituem forte obstáculo ao processo de ascensão ao mundo superior da luz e do conhecimento das ideias verdadeiras. É esse esforço e todo sofrimento compreendido por ele que são constituídos do processo educativo. (PAGNI. s/d, P11).

O processo educativo apresentado por Platão é doloroso, pois é necessário retirar dos olhos a cegueira constituída pela escuridão da caverna, toda a ignorância e falta de saber, a dor faz parte do processo de limpeza que os olhos encontrarão na luz que ofusca toda a escuridão que fechava os olhos para o saber.

A educação Filosófica é tão importante para Platão que deve ser colocada para o filósofo no momento certo, onde deve percorrer todas as etapas que sua formação propõe; caso contrario ao ingressar de forma precoce ou de forma errônea, acontecerá que a cegueira de seus olhos continue sempre presas à escuridão da caverna.

[...] São adolescentes que mal saíram da infância, no intervalo antes de chegarem à economia domestica e negócios, que, mal se aproximam da parte mais difícil, a deixam ficar, e se são esses o que se imaginam que são grandes filósofos, depois disto, se acaso consentem, quando instalados, em ouvir outros tratar de filosofia, julgam que fazem uma grande coisa, pois entendem que ela não é mais do que um passatempo; que chegam à velhice, salvo raras exceções, extinguem-se muito mais que o sol de Heráclito, na medida em que não tornam ascender-se. E então como é que deve ser? Exatamente o contrario. Quando adolescentes e crianças, deve empreender-se uma educação Filosófica juvenil, cuidando bem dos seus corpos, um que se desenvolvam e em que se adquiram, a viril liberdade, pois eles são destinados a servir à Filosofia. (PLATÃO. A Republica. 498 a-b).

A educação é sem duvida para Platão o ponto chave para que o filósofo torne-se o pilar primordial para a constituição de uma ótima organização para a polis.

Essa má educação para Platão se dá de forma desordenada, de forma precoce ou até podemos dizer, de forma maldosa por parte do educador para o educando. É preciso estudar as ciências como a matemática, a geometria e a

astronomia para que depois se possa atingir o plano mais elevado das ciências, sendo aqui a Filosofia e a Dialética, cujo único propósito é o conhecimento do bem. “[...] Que a ideia do bem é a mais elevada das ciências, e que para ela é que a justiça e as outras virtudes se tornam úteis e valiosas...” (Platão. A República. 505a). O conhecimento do bem o *Agaton*, é que fará que o filósofo se torne o filósofo-rei, o ideal para governar a cidade, e que por ser o único capaz de governar com sabedoria a cidade, e quando morrer será venerado como um deus, que repousa em seu descanso eterno.

Por se tratar de um filósofo-rei, tais méritos foram concebidos graças a sua formação que o fez governante capaz de agir sobre um ideal de um indivíduo que não vive centrado em viver apenas para si, mas um indivíduo que transpõe toda a educação proposta por Platão, e essa educação que forma um indivíduo participante. Voltado para os demais cidadãos da Polis. “O ideal da educação platônica é, sobretudo, formar o indivíduo cidadão participante e atuante em uma comunidade.” (TEXEIRA. 1999, p 8).

A preocupação que surge aqui está voltada para a formação da pessoa, para que assim seja atribuído o valor correto a sua instrução dentro da cidade, eis o motivo das críticas feitas aos poetas e principalmente aos Sofistas, aos quais Platão chamava de verdadeiros charlatões.

As críticas que Platão faz aos poetas estão direcionadas em especial a Hesíodo e a Homero, pelo fato de suas obras e sua educação serem direcionadas aos fatos míticos e à veneração aos deuses.

[...] Os alvos dos ataques de Platão, portanto, não eram a religião nem as divindades, mas a palavra dos poetas em razão da hegemonia que exerciam sobre a formação dos cidadãos como veículo de educação e transmissão de parâmetros culturais (RODRIGO, 2014, P 37).

É importante vermos que a crítica de Platão está direcionada aos poetas e a maneira que usavam da poesia para a instrução como educação para a cidade. Pois Platão não recrimina a poesia, assim vemos a presença da poesia na República como uma das formas do processo da educação na polis, pois nos livros II e III ela está para a formação dos militares e no Livro X ela surge para os governantes, sendo que nos dois casos ela exerce um papel distinto na formação proposta por Platão, sendo que mais tarde ainda no Livro X ela é totalmente excluída para a formação dos filósofos guardiões.

Sobre os sofistas Platão faz crítica, pois os mesmos agiam pelo poder da persuasão, da à arte de falar bem e do método aplicado o cobrar de seus ensinamentos. Platão condenava diretamente o uso da retórica, método esse utilizado pelos sofistas. Afinal, para Platão a virtude não pode ser concebida por um ato de ensinamento qualquer, ensinamento esse que era utilizado pelos próprios sofistas, o do falar bem e do convencer o público, por se auto afirmarem detentores do próprio conhecimento.

Platão chama-os de verdadeiros charlatões e enganadores dos jovens, responsáveis por corromperem os corações do jovem com falsos ensinamentos, usando da retórica em praças públicas vendendo seu conhecimento como amadores de espetáculos.

Platão lança crítica ao conhecimento sensível, assim diz José Américo Motta Pessanha:

Platão reconhece: permanecer no nível das sensações é tornar impossível a construção de um conhecimento seguro e estável, é ficar fatalmente preso nas malhas do relativismo de sofistas como Protágoras de Abdera. De fato, as sensações fornecem apenas evidências momentâneas e individuais. Um conhecimento daquilo que somente nas sensações é um conhecimento daquilo que aparece a cada pessoa, no momento em que aparece como tal. (PESSANHA. 2005, P58).

O modelo de educação platônica é transformar cada vez mais o homem, em um homem virtuoso, o próprio ato de educar, já é formar o homem em um homem mais virtuoso. Pois o homem tem que ser virtuoso, a virtude para Platão é a coisa mais preciosa e grandiosa a qual o homem pode ter em toda a sua vida, sendo que o resultado de um homem virtuoso é uma vida feliz em harmonia.

O fato é que Platão mostra que o futuro filósofo deve em sua educação receber uma educação especial, isso servirá tanto para seu corpo como para a sua alma, a educação do corpo, será feita de maneira correta através dos exercícios físicos através da ginástica, e para a alma a educação será através da música. Depois na academia terá o ingresso nos estudos das ciências Matemáticas, como geometria, astronomia, álgebra e as demais ciências que prepararão a alma desse futuro governante.

Mas uma coisa deve ser esclarecida, que mesmo por receberem uma educação especial, isso não quer dizer que todo esse processo será fácil, pelo

contrário a vida desse seletivo grupo da cidade, é dolorosa, é aqui apresentada, de certa forma, dor que o prisioneiro sente ao tentar sair desse estado de aprisionamento da caverna, aqui a cada passo que é dado em sua formação, seus olhos sentirão a dor que virá da luz de fora da caverna que de uma certa forma limpa seus olhos da escuridão que se encontravam, de uma certa maneira terão uma vida solitária, por causa do tempo que deve ser aplicado aos estudos exigidos para a sua formação, estudos esses que devem ser aplicados cada um conforme seu tempo certo, respeitando as faixas etárias da vida do homem.

É sugerido que eles ingressem na ginástica e na música por volta dos sete anos, a ginástica para o corpo e a música para a alma. A *Musiké* e a *Ginastiké* são elementos primordiais para o início da formação na vida desses jovens.

A música é responsável para a prática do ritmo e a harmonia, moldando a alma, para a sua beleza em busca da sua perfeição, a ginástica, para a educação do corpo que serve para a manutenção do corpo, como propensa para um cultivo mental, esse cultivo mental que fará o exercício para a prática a leitura.

Após o ingresso na ginástica e na música, passa-se para o estudo das ciências matemáticas, que tem como principal função encaminhá-los para a dialética. As ciências matemáticas surgem como únicas ciências capazes de através do seu método de formação selecionar aqueles que serão dignos de atingir a Filosofia, aqui podemos destacar que as ciências matemáticas exercem uma função preparatória ao mesmo tempo selecionaria excluiria aqueles que não estão aptos a atingir a dialética, que por sua vez a dialética tem a função de levá-los do sensível para o inteligível, sair do plano físico e ir para o metafísico, aqui apenas o filósofo tem esse “poder de multiplicidade intelectual”, sobre as ideias, e sobre todas essas ideias está a ideia do bem.

A trajetória da dialética tem como objetivo levar do sensível ao inteligível, passar do plano físico ao metafísico, aproximar a multiplicidade do sensível a unidade do inteligível. Uno e múltiplo se fundem e se juntam na síntese, possibilitando a unidade na multiplicidade. O que busca a dialética é chegar à contemplação das ideias supremas, ou seja, à abstração última da unidade absoluta. De todas as ideias, a mais especial é a ideia do bem. (TEXEIRA. 1999, P 46).

Segundo Platão, somente o filósofo é capaz de atingir a dialética, que por sua vez tem como objetivo elevar-se a *noésis*, a ciência mais elevada. Muitos homens não conseguem passar pelas ciências matemáticas, atingindo apenas a *Diánoia*, certo tipo de conhecimento específico sobre as ciências matemáticas ou nem mesmo passam a opinião, apenas com a Dialética que a inteligência para Platão chega-se ao inteligível, a ideia do bem.

No mito da caverna o principal objetivo é chegar à verdade, sendo que sua intenção é mostrar os problemas que uma má educação pode acarretar para a vida da polis, em especial para a vida dos jovens dessa polis, sendo que a presença e a falta de educação podem direcionar o futuro para aquele que tem como papel governar a cidade.

Sendo aplicada de forma correta como foi proposto por Platão, o fim é apenas o positivo intelectual do mais alto desejado para o homem, conhecedor do que é certo e errado, do claro e do confuso, do que é reto e do que não é, enfim, aquele que é possível ser capaz de enxergar o além das aparências, de ver e transmitir as ideias para os demais e poder alcançar a ideia do bem.

A falta dessa educação desconstrói todo esse “plano” que Platão sugere para a formação do filósofo. O real aqui é o ilusório, não se pode conhecer o mundo superior, contenta-se apenas com as sombras da caverna, tidas como realidade. Essa realidade que é controlada por aqueles que “ministram” essa educação falsária, sem formação nenhuma, apenas servindo como cegueira para os olhos dos jovens e impedindo-os de conhecer o mundo real, ficarão sempre presos às correntes da ignorância.

No mito da caverna, há essa busca da parte de Platão, de tentar resgatar a polis, a cidade, o estado, através de sua educação. É preciso observar as condições que comparadas ao estado, ou a polis representam a realidade em que a má educação faz com que a cidade se encontre.

O espaço, as condições, o lugar subterrâneo apresentado no mito, além de retratar um lugar de desconforto, escuro e quase que inabitável, a forma subterrânea mostra a cidade como se ela se apresentasse nas últimas posições, se existisse uma escala para o intelecto humano na época, o próprio espaço da caverna, além de mostrar o comportamento dos homens é como compará-los a forma primitiva do viver e do conhecer, a forma do viver

acorrentados e o olhar somente para frente, para uma direção, é o grito que Platão faz para uma sociedade acomodada e cega para com os seus educadores.

Platão está tentando mostrar que o homem é assim, nasce em um ambiente como esse, escuro e desprovido de ideias, e o próprio homem se sente acomodado a essa realidade, realidade graças ao atributo má educação que é dada para o povo da cidade, eis que surge o papel do filósofo, é dever dele sair dessa realidade deprimente e ir para o mundo externo, o real e inteligível, e o seu papel não é apenas de conhecer esse novo mundo, mas sendo que ele agora conhecedor do bem e da verdade, deve retornar da caverna e retirar os demais, através da educação, desse mundo ilusório e escuro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Platão nos mostra todo o processo de sua educação para a formação do indivíduo da polis. Como resultado de tal formação esse indivíduo resultaria em um cidadão com alto grau no que se refere aos aspectos sociais e políticos. Tal sabedoria adquirida sobre esses aspectos, o usando de tal sabedoria tem o dever de governar da melhor forma possível, como também é através da educação que lhe foi aplicada que ele executará suas funções de um modo ímpar em relação aos outros que não tiveram a mesma educação, assim essa educação causa no indivíduo um olhar não apenas sobre si próprio, mas um pensamento voltado para o coletivo, um bem comum para todos, um bem comum para a sociedade.

A educação sugerida na alegoria da caverna foi primordial para de certo modo “tentar” mudar a educação da realidade da época, a forma de viver em que se encontrara a sociedade. É preciso levar em conta a análise sobre o mito da caverna não apenas como proposta nem como um estudo de análise e crítica apenas para aquela época, mas, todavia uma realidade ainda que existente nos tempos atuais. Se considerarmos a realidade daquela época com o método da educação atual podemos concluir que não muito se diferem, a pergunta a ser feita é como a alegoria pode representar a educação atual? A segunda pergunta é o que os personagens da alegoria representam? Quem seria o prisioneiro e quem seria a pessoa que o mantém preso? Afinal toda educação voltada para os dias de hoje, deveria ser baseada em uma tese que sua conclusão fosse um bem em comum para todos, o que em muito lembra os estudos platônicos.

Podemos ter como uma das referências ao ambiente da caverna à sala de aula que não é a única que se apresenta como exemplo, mas que porque muitas vezes as realidades precárias do ensino fundamental e médio propõem para a formação do aluno uma formação que em nada difere da que era aplicada no mito.

O aluno em sua maioria é aquele que vive em uma realidade limitada, os problemas em casa como uma estrutura precária, muitas vezes a ausência do pai ou da mãe causam essa propensão a estar direcionado a essa realidade, problemas de cunho sociais e econômicos também influenciam a decisão de suas vidas, pois em muitos casos o aluno tem que escolher entre o estudar e o trabalhar, e quando possível tentam conciliar os dois, poucos são os que são instruídos para uma educação necessária maior.

O certificado de conclusão do ensino médio é em muitos os casos a porta para a inclusão para o mercado de trabalho e isso não é tão negativo, pois todos querem almejar sua vaga de trabalho, mas o que não pode-se apenas é focar o olhar para que em mãos o certificado lhe baste como única opção para adentrar no próprio mercado de trabalho, como se o dever do aluno no ensino médio estivesse pautado apenas para a sua conclusão porque é obrigatória essa conclusão e que lhe servirá para adentrar em um determinado ramo do mercado de trabalho.

A competitividade faz com que o aluno mesmo antes de sair da sala de aula, esteja preocupado com o cargo ou a vaga que ele tenda a conquistar, para reproduzirmos isso na forma de alegoria podemos ver da seguinte maneira: O aluno sendo o representante do homem que está preso a caverna é apresentando há uma realidade já tida como verdadeira (estudar para ser aceito no mercado de trabalho), essa realidade é as sombras e que o mesmo tem o dever de concluir seus ensinamentos básicos para ser aceito em uma determinada empresa ou no comércio, assim ele é reconhecido como sujeito apto à vaga oferecida (sujeito tido como alfabetizado). É como se sua vida fosse determinada apenas para esse fim, a alfabetização para a ingressão no mercado de trabalho.

O professor é o que mais se aproxima com o filósofo que depois de sair da caverna, e ingressar no saber (ensino superior) sente-se no dever de regressar a caverna e libertar aqueles que se encontram presos, e muitas vezes ele não tem o intuito de libertar apenas o aluno, mas sim alguns colegas de trabalho que tiveram a mesma experiência, mas que ao regressar a caverna deixara-se ser presos e voltaram ao seu estado de aprisionamento inicial.

O olhar que o professor tinha enquanto ensino médio era um olhar digamos que limitado, quando o professor, que após ter ingressado no ensino superior, conhecedor de varias ciências, e da realidade em si, caberá então há ele retornar a caverna não como mais um na unidade que a constitui, mas como o agente capaz de modificar aquele espaço, aquela realidade.

. A figura do professor em muito se parece com a figura do Sócrates que inspirado pelo saber tentou alertar a vida dos jovens, assim estar o professor que quer mostrar aos alunos uma realidade.

O mito da caverna é a reprodução da nossa própria vida quando não recebe uma educação adequada. Nos tempos atuais reflete-se uma caverna que reproduz a falta de educar e a educação aplicada de forma incorreta, e quando isso acontece o ser humano torna-se aquele prisioneiro da caverna, sem expectativas alguma.

A forma subterrânea da caverna muito nos mostra os tempos atuais. Tratando-se da educação, mas é importante não generalizarmos essa realidade de educação, pois o intuito aqui é mostrar uma concepção que existe de educação no Brasil de ensino médio como caverna, mas que não é a única forma de se ensinar e de aprender. Já percebemos que muito fica a desejar em relação à educação apresentada por Platão, o ambiente sala de aula não é o mais favorável para se adquirir uma educação de qualidade, um problema está no estrutural, um ambiente que as vezes se apresenta de forma negativa para que o aluno se sinta confortável a aprender.

Kant, (1783) demonstrou em seus estudos a total indignação sobre a questão, “comodismo” e a “verdade dita como única e verdadeira”, no que ele mesmo denominou como o *Sapere Aude* que traduzindo do latim significa “ouse saber”, saia da zona de conforto! E isso estimula o homem a buscar sua autonomia intelectual. Kant não se afasta do que Platão nos ensina no mito da caverna, pois o prisioneiro tende a sentir esse desejo ou ele tem que sentir o desejo de libertar-se do seu estado de aprisionamento, ou seja, sair da tutela de seu mestre para alcançar a maioria intelectual, a independência do seu saber. É quando o educando sai dos braços do seu educador, é preciso dar esse salto para o verdadeiro, o racional.

O mito da caverna para o aluno revela o homem diante do conhecimento a ser revelado, mostra a diferença que há entre os dois mundos, o mundo do sensível e o mundo do inteligível, dizer que o aluno encontra-se preso à caverna, presos ao mundo sensível é dizer que o aluno no ensino médio encontra-se no seu “nascimento intelectual”, dessa forma é necessário o amadurecer do conhecimento de uma forma correta. O melhor que podemos tirar da educação platônica além dessa liberdade do prisioneiro é a formação que o indivíduo vai adquirir como agente da sociedade, um ser capaz de exercer suas funções sociais e políticas.

Para Platão, e isso fica bem exposto após os estudos sobre o mito da caverna, o mais importante não é a educação que deve ser instruída ao jovem ou ao aluno como dever, mas sim de uma forma correta, que o leve a crescer intelectualmente e não impulsiona-lo a seguir uma realidade já dita como verdadeira. No princípio Platão cria o mito para mostrar como de fato a formação do filósofo deve ocorrer para que um dia ele se torne o filósofo-rei ou o filósofo governante, como a mesma educação serve também para a formação do indivíduo na sociedade, em especial a dos jovens.

O mito é para Platão a forma de dizer ao mundo como a educação pode mudar realidade dos que vivem na polis, e como aqueles que tiveram uma boa educação podem contribuir para a cidade e para vida desses que ainda se encontram na caverna.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Francisco Brandão. PEREIRA, Francisca Márcia Soares. MOREIRA, Camila Sampaio. **A Relação entre o mito da caverna de Platão e o papel do docente de Filosofia.**

BORGES TEIXEIRA, Evilázio F. **A educação do homem segundo Platão.** São Paulo. Editora Paulus. 1999.

HOLLIS, Martin. **Filosofia um Convite.** Tradução Antivan G. Mendes, São Paulo: Edições Loyola. 1996.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?**. 5 de dezembro de 1783. Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. Disponível em <http://Geocities.yahoo.com.br/eticaejustica/esclareciemtno.pdf>, 2013.

MARIA, Lidia Maria. **Platão e o debate educativo na Grécia antiga.** Campinas-SP: Armazém do Ipê, 2014.

PAGNI, Pedro Angelo. **A Filosofia da educação Platônica: O desejo de sabedoria e a Paideia justa.** Pg.11

PLATÃO. **A República.** 9ed. Tradução e notas Maria Helena da Rocha Pereira. Edição fundação Calouste Gulbenkian.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates precedido de sobre a piedade (Êutifron) e seguindo de sobre o dever (crítón).** Tradução André Malta. Porto alegre, Editora L&PM Pocket.

PURSHOUSE, Luke. **A Republica de Platão: um guia de leitura.** Tradução Luciana Pudenzi, São Paulo: Editora Paulus, 2010.

REZENDE, Antônio. **Curso de Filosofia: para professores e alunos do segundo grau e de graduação**. 13ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2005.

SOARES, Antônio Jorge. **Dialética, educação e política: uma releitura de Platão**. - 2ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

STRATHERN, Paul. **Platão (428-348 a.C) em 90 minutos**. 2009. Tradução Maria Helena Geordane. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1997.